

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E
PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

Eixo Intervenção

A CASA DELES, A CASA MINHA ...

LUIZ AMORIM

Arquiteto e Urbanista (UFPE) / Professor Associado do Dep. de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
amorim@ufpe.br

CLAUDIA LOUREIRO

Arquiteto (UFPE) / Professor Associado do Dep. de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco / Recife.
cloureiro@oi.com.br

CRISTIANA GRIZ

Arquiteta e urbanista (UFPE) / Professor Assistente do Dep. de Expressão Gráfica da
Universidade Federal de Pernambuco / Recife.
crisgriz@gmail.com

RESUMO

Este artigo relata resultados preliminares de uma investigação que tem por foco as diferenças, a partir da análise de projetos de apartamentos em Recife, entre dois campos de saber – o saber profissional, fundado em operações técnicas e metodológicas – prescritivo, expresso no projeto original de edifícios de apartamentos, e o saber laico, baseado nas experiências cotidianas – sensitivo, expresso nos projetos de reforma executados. O fenômeno de modificar a planta original dos apartamentos adquiridos, durante o processo de construção do edifício, é recorrente no mercado imobiliário local. O produto lançado no mercado e comercializado ainda “na planta” difere, em grande medida daquele acabado. Em princípio, a recorrência do fenômeno sugere que uma cultura de morar está presente nas mentes de moradores e que esta difere daquela que informa a atividade profissional de projeto.

Os resultados expostos tomam por base a análise dos projetos originais e dos projetos de reforma de apartamentos de variados tamanhos, com três ou quatro quartos, construídos ou em construção, entre 2002 e 2009, na cidade do Recife.

O objetivo da investigação não está propriamente nas motivações que levam a modificar as características do bem adquirido – se insatisfação, moda ou gosto – mas sim em escrutinar novas formas de uso do espaço doméstico, ou, novas formas de morar, idéias culturais impregnadas no objeto arquitetônico, como discutido por Hillier e Hanson (1984).

Palavras-chave: espaço doméstico; modos de morar; apartamento (Eixo Intervenção).

ABSTRACT

This article reports the preliminary results of an investigation focused on the differences between two fields of knowledge: the professional one, prescriptive, founded on methodological and technical operations, expressed on the original projects of apartments in Recife, Brazil; and the secular one, based on everyday experiences – sensorial, expressed on their refurbishment projects. The phenomenon of changing the original layout of the purchased apartments during the construction process of the buildings is recurrent in the local real estate market. The original apartment differs largely from the finished one. In principle, the recurrence of the phenomenon suggests that a culture of living is present in the minds of residents and that this differs from that which informs the design professional activity.

The results of the study are based on the analysis of apartment projects, original and refurbished ones, of different sizes, with three or four quarters, built or under construction, between 2002 and 2009, in Recife, Brazil.

The objective of the investigation is not focused on the motives that lead to alter the characteristics of the acquired property - if dissatisfaction, fashion or taste - but to scrutinize new forms of use of domestic space, or new ways of living, cultural ideas impregnated within the architectural object, as discussed by Hillier and Hanson (1984).

Keywords: domestic space, ways of living, apartment (Axis Intervention)

RESUMEN

Este artículo presenta resultados preliminares de una investigación que se ha centrado en las diferencias, a partir del análisis de los proyectos de departamentos en Recife, entre dos campos de conocimiento - aquello del saber profesional, basado en operaciones técnicas y metodológicas - prescriptiva expresado en el proyecto original edificios de departamentos, y el saber laico, basado en experiencias cotidianas - sensoriales, expresada en los proyectos de reforma ejecutadas. El fenómeno de la remodelación de la distribución original de los departamentos adquiridos durante el proceso de construcción del edificio, es recurrente en el mercado inmobiliario local. El producto lanzado en el mercado el cual se vende "la planta" difiere en gran medida del edificio terminado. En principio, la recurrencia del fenómeno sugiere que la cultura del vivir está presente en las mentes de los residentes y que esta difiere de la que informa de la actividad profesional del proyecto.

Los resultados mostrados tienen como base el análisis de los proyectos originales y los proyectos de reforma de los departamentos de diferentes tamaños, con tres o cuatro cuartos, construidos o en construcción, entre 2002 y 2009, en la ciudad de Recife.

El objetivo de la investigación no es averiguar sobre los motivos que llevan a modificar las características del objeto –si insatisfacción, moda o gusto - pero el análisis de nuevas formas de utilización del espacio doméstico, o nuevas formas de vivir, ideas culturales impregnadas en el objeto arquitectónico, como comenta Hillier y Hanson (1984).

Palabras-clave: espacio domestico, modos de vivir, departamento (Eje Intervención)

A CASA DELES, A CASA MINHA ...

*Talvez a casa seja dotada
De uma aura assim datada
Do dia em que as coisas foram criadas.
Eu vou tentar montar a casa.
(Mi casa, su casa. Erika Martins, 1999¹)*

1. INTRODUÇÃO

O problema tratado neste artigo pode ser expresso pela citação de Rasmussen abaixo, quando o autor afirma que

O arquiteto é uma espécie de produtor teatral, o homem [sic] que planeja os cenários para nossas vidas [...] Mas seu trabalho de produtor é difícil por muitas razões. Em primeiro lugar, os atores são pessoas comuns. Ele deve estar consciente do seu modo natural de atuar [...] Aquilo que pode ser perfeitamente correto e natural em um meio cultural, pode facilmente estar errado em outro; o que é adequado e próprio para uma geração torna-se ridículo para a seguinte, pois as pessoas adquiriram novos gostos e hábitos (RASMUSSEN, 1986, p. 2).

Esta certa dessintonia expressa na citação dá a dimensão da tensão entre as normas e regras que definem os limites do projeto, e os códigos e convenções que orientam o uso dos espaços, como apontado por Lawrence (1997). Entre estas duas posições – profissional e morador – não há, muitas vezes, consenso. Esta tensão está claramente presente no mercado imobiliário, na oferta de unidades habitacionais como bens a serem adquiridos. Grande parte deste mercado opera com uma mercadoria de futuro – “comprar na planta” –, ou seja, não se adquire o bem propriamente materializado, mas sim uma representação do que ele será. Para tanto, é mister construir esta representação. Assim, o apartamento projetado – aquele que se adquire – toma por base atividades cotidianas de uma família média e de hábitos uniformes, enquadrando-as em classes rígidas de uso dos espaços domésticos. Para Leatherbarrow, esta maneira de ver arquitetura pictoricamente está relacionada a uma questão de aparência ou forma, especialmente de operações técnicas executadas pelo projetista ou pelo construtor (LEATHERBARROW, 2009, p. 14). Não leva em conta diferentes estilos de vida em diferentes unidades socioculturais, e que os membros da família, mais do que indivíduos que desempenham papéis funcionais, relacionam-se entre si através de laços sociais particulares, como aponta Niit (1988, p. 382-391).

Por outro lado, o projeto de reforma, ainda que igualmente desenvolvido por um profissional, portanto guardando as mesmas características de representação de um estado futuro, pode ser entendido como uma aproximação a uma agenda de eventos mais coerente com a vida real de diversas famílias, agora proprietárias. Neste ambiente doméstico, como sugerido por Heidmets (apud NIIT, 1988, p. 382-391) pode-se distinguir um sistema formado por três tipos

¹ (apud CÂMARA, 2006)

de limites – de separação, de controle e de identificação. Na verdade, as metodologias de projeto arquitetônico também lidam com os mesmos tipos de limites, no entanto, estes operam de maneira funcional e técnica, como indica Leatherbarrow (2009). Por sua vez, a organização do espaço doméstico real está referenciada a estilos de vida particulares – um contexto particular de normas e valores socioculturais, estruturado em torno de espaço, atividades e relacionamentos.

Dois tipos de saberes atuam na produção do apartamento. O saber profissional é orientado por métodos de projeção e requerimentos técnicos, assim como demandas artísticas da forma. De acordo com Boutinet “o procedimento de projeto constitui um modelo que integra, a propósito da obra a ser realizada, o máximo de conhecimentos teóricos e práticos” (BOUTINET, 2002, p. 162). Este modelo se fundamenta em prescrições oriundas de diversos campos do saber, que contribuem para uma metodologia de projeto orientada por critérios quantitativos e qualitativos para o alcance de soluções dotadas de máxima funcionalidade e economia de recursos e para o que é certo. O procedimento como um todo pode ser descrito como um processo baseado em etapas evolutivas de aproximação do problema, partindo da classificação de atividades no programa arquitetônico e do estabelecimento *a priori* da natureza das relações entre atividades e pessoas. É um procedimento que toma por base não a experiência, mas um conhecimento científico transdisciplinar. O processo classificatório inclui identificar setores – conjunto de atividades de mesma natureza técnica ou social – bem como identificar atores e agentes, para melhor identificar e controlar as relações entre atividades e/ou pessoas.

Por outro lado, a experiência cotidiana nem sempre caminha pelos mesmos meandros da cientificidade da funcionalidade ou da questão ética e moral do bem e do mal, do certo e do errado. Uma outra lógica a comanda. Estilos de vida particulares regulam o uso cotidiano do espaço doméstico; além do que, a forma como o espaço doméstico é usado e apropriado no dia-a-dia traduz uma prática tanto simbólica quanto um fenômeno cultural, como discutido por Ozaki (2005). Ainda que as possibilidades físicas e espaciais de uso dos ambientes sejam inúmeras, atividades nucleares e ancilares são reguladas por uma matriz cultural própria, envolvendo valores, sanções e tabus, como discutido por Rapoport (1969). A casa, como discutido por Märtsin e Niit, pode ser vista como um sistema territorial, “um todo unificado que proporciona aos membros individuais da família e à família como um todo a oportunidade de se separar do mundo exterior” (MÄRTSIN; NIIT, 2005, p. 154). Para o autor, por outro lado, a casa também funciona como um mecanismo de relacionamento com este mesmo mundo de fora, sendo que nem todos os espaços da casa atendem a estas funções opostas ao mesmo tempo, sendo necessário que certas diferenciações no espaço e no tempo atuem para regular estes pólos na casa.

A aquisição de um bem, em especial uma casa para morar cumpre funções que são tanto pragmáticas (um teto para abrigar a família), patrimoniais (um bem a ser legado), econômicas

(um investimento rentável), quanto simbólicas (demonstração de bom gosto, de status social, de superioridade sobre outros).

O bem imobiliário adquirido/ofertado no mercado, seja a casa isolada, seja um apartamento, é classificado, para efeitos de contratos, registros legais, lançamentos promocionais, preponderantemente pelo número de quartos. É também o número de quartos que indica a dimensão do imóvel – é ele o indicador utilizado, por exemplo, nas pesquisas de índices de Velocidade de Vendas, promovidas pela FIEPE. Esta é a designação que dá dimensão ao poder aquisitivo e de consumo, assim como de status social, ao comprador. Outras dimensões reforçam o status e sua inclusão num determinado grupo na sociedade, tais como fatores de localização e itens de lazer e segurança oferecidos no imóvel – morar com tranquilidade a beira-mar, junto com o número de quartos, é um atributo com frequência mencionado nas propagandas imobiliárias para atrair o consumidor. O consumo conspícuo de bens valiosos, tais como carros do ano cada vez maiores e mais “altos”, roupas e acessórios de grife (desde que esta esteja à mostra), junto com a localização e o tamanho do apartamento, medido pelo número de quartos, é meio de conferir uma atmosfera de respeitabilidade em torno do consumidor. Para auxiliar o consumidor em suas escolhas, uma fenomenologia do futuro (ver a respeito DOVEY, 1991) é oferecida por meio da exposição, nos canteiros de obras ou shopping centers, de maquetes e modelos ideais sob a forma de “apartamento mobiliado”, que reproduziriam o ideal de morar. Os mesmos modelos são também utilizados em panfletos de propaganda e nos sites das construtoras, com espaços finamente decorados e vazios de pessoas (ver Figura 1). Os temas destas peças são cuidadosamente selecionados para evocar imagens de uma vida ideal, um sonho de morar (AMORIM; LOUREIRO, 2003; BORBA; LOUREIRO; AMORIM, 2002; LOUREIRO; AMORIM, 2008; 2002b). Campanhas publicitárias recentes sugerem valores temporários aos imóveis à venda, à luz das estratégias de marketing do mercado da moda, ao estabelecer as “tendências da estação” e estimular o consumo de novos produtos. Essa “tendência” pretende diminuir o ciclo de consumo de bens duráveis e garantir a reprodução do capital imobiliário.

O apartamento vivenciado, no entanto, atende a uma agenda de eventos nem sempre orientada pelas classificações referenciadas ao mercado, ainda que, primordialmente, seja elemento constituinte do status do morador. A esta dimensão, outros elementos se agregam que o reforçam, tais como o mobiliário e os equipamentos que completam a casa. A agenda de uso, no entanto, segue parâmetros e convenções que, com frequência, não são as mesmas utilizadas como fundamento para o projeto do bem adquirido. Daí a necessidade de outra organização doméstica. Apartamentos de quatro quartos tornam-se apartamentos de três ou dois. Salas são rearranjadas para servir outra lógica de uso. Desta forma, os mecanismos de mediação da relação entre membros da família, visitantes, e entre diferentes gerações e gênero na casa são redefinidas.

Edifício Villa D'Almeida - Graças / Recife



Figura 2. Edifício Villa D'Almeida, lançamento da Construtora ACCruz, Recife. Fonte: http://www.acacruz.com.br/detalhes-empresamento.php?emp=81_3_0_63168138134

As seções a seguir procuram explicitar os contornos desta nova agenda, a partir da análise comparativa entre o projeto original e o projeto de reforma de apartamentos oferecidos pelo mercado imobiliário em Recife.

2. A EMERGÊNCIA DO ESPAÇO DOMÉSTICO MODERNO

O fenômeno das alterações na organização do espaço doméstico original não é exclusivo de uma tipologia edilícia particular – moradia para a classe média. Ele é observado, de igual forma, em conjuntos de habitação popular na Região Metropolitana do Recife, como indicado por Amorim e Loureiro (AMORIM; LOUREIRO, 2000; LOUREIRO; AMORIM, 2002a; LOUREIRO; AMORIM, 2008). A falta de aderência entre a visão profissional, prescritiva e normativa, e a idéia de morar do morador não é propriamente um fenômeno novo, dos dias atuais. Seja qual for o tipo de unidade – a casa isolada ou o apartamento – ela sempre ocorreu.

Evans, ao analisar a reforma da habitação popular na Inglaterra vitoriana, discute a questão. Ele mostra como a crença de que melhorias na habitação popular seriam instrumentais para o

progresso social – materializadas nas *model houses for four families*² que substituiriam as diversas *rookeries* londrinas – não foi partilhada pela classe trabalhadora inglesa, que tinha dificuldade em aceitar as imposições de “exata localização e circunstâncias das atividades domésticas” (EVANS, 1997, p. 110). O programa das *model house* foi proposto para remediar as péssimas condições de moradia da classe trabalhadora, consideradas insalubres e imorais, caracterizadas pela ventilação inadequada, assim como condições de esgotamento sanitário e abastecimento de água, além de cômodos super lotados. Para tanto, o modelo proposto se estruturava em torno de uma sala, um quarto para os pais, um quarto para meninos e um para meninas.

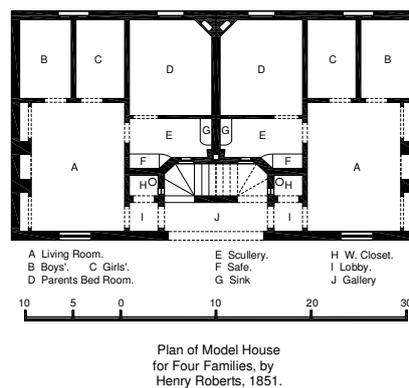


Figura 3. Model house for four families. Fonte: desenho dos autores com base em Evans, 1997, p.107

Vale salientar que, até então, as questões de privacidade, assim como questões sanitárias eram ignoradas, mesmo em se tratando da moradia das classes mais abastadas, como relatado por Rybczynski (1986). O autor assim descreve a casa de um casal da burguesia europeia, no século XVII, na cidade de Kristiania (hoje Oslo)

A casa [...] abrigava quinze pessoas; em adição à família Brun, havia três funcionários e dois serviçais [...] Tal como os antecedentes medievais, a casa era o cenário para todos os aspectos da vida – negócios, entretenimento e trabalho. Estava sempre cheia de parentes, hóspedes, clientes, amigos e conhecidos. Apesar de ter vários cômodos habitáveis, Frederik e Marthe não tinham um *master bedroom* – eles dormiam no cômodo maior do térreo com os três filhos menores ... (RYBCZYNSKI, 1986, p. 45)

Assim sendo, a proposta de três quartos na *model house* vitoriana, segundo Evans (1997), se torna um elemento importante dado que permitiria a separação essencial para a moralidade e decência. Ainda segundo o autor “a relação arquitetônica desses quartos com a sala refletia tanto a autoridade dos pais, como também a decência de um legítimo intercuro no seio de uma família decente” (EVANS, 1997, p. 109) – os quartos dos filhos com acesso para a sala, cada um com uma única abertura (porta), permitiria a vigilância constante; o acesso indireto

² Projetadas por Henry Roberts para a Great Exhibition de 1851, sob o patrocínio do Príncipe Albert (cf. Evans, 1997, p. 107).

para o quarto dos pais, através da *scullery*³, não somente garantiria a privacidade como ainda garantiria o isolamento necessário em caso de enfermidades, atuando como um *sick room*, segundo Henry Roberts, autor do projeto das *model houses*.

O modelo, portanto, não era informado apenas por idéias de privacidade, civilidade e sanitárias, mas tinha um viés disciplinador. No entanto, a tentativa de impor um estilo de vida diverso mais disciplinado – separando famílias, por um lado, e, no interior da casa, membros da família, não logrou êxito – muitos dos apartamentos modelo permaneceram vazios, em meio às habitações degradadas, ou quando ocupados, pais e filhos continuavam a dormir em um mesmo cômodo, ficando ao menos um dos quartos vazios (EVANS, 1997).

A mesma preocupação de saneamento moral é vista na obra seminal de Robert Kerr (1865), autor do influente tratado acerca da organização do espaço doméstico no contexto da Inglaterra vitoriana. Kerr considera a necessidade da privacidade no ambiente doméstico como o principal problema a ser solucionado na concepção das residências inglesas, não apenas do *gentleman*, como no título do seu livro - *The Gentleman's House* -, mas de todo e qualquer cidadão, portanto, é uma prerrogativa do indivíduo, independente de sua classe social. Seu argumento é construído por meio de uma substancial revisão histórica das formas de organização doméstica no país, procurando identificar o grau de privacidade oferecido em distintos períodos históricos e contextos sócio-políticos. Segundo o autor, é possível traçar uma consistente especialização dos espaços para atender a distintas funções e ocupantes: do *Common Hall*, dos *saxões*, onde todos os eventos eram realizados em um único espaço, passando pela separação da cozinha e do cômodo ocupado pelo senhorio, e a introdução de múltiplos cômodos, corredores e passagens. A casa, segundo seu ponto de vista, deveria ser dividida em dois departamentos - aquele ocupado pela família e o ocupado pelos serviçais - afinal, constituem distintas comunidades que têm o direito de se isolar e garantir que os serviçais desempenhem suas obrigações cotidianas sem serem interrompidos. Esta divisão será mais rigorosa quanto mais importante a família. Neste caso, o uso de corredores e escadas independentes para o uso exclusivo de cada categoria de usuário doméstico – moradores, serviçais e visitantes – se faz necessário. Sua preocupação com a privacidade e a garantia, quase pudica, da proteção dos corpos do contato e do olhar do outro é evidente em suas recomendações para o desenho dos cômodos. Por exemplo, recomenda que a abertura das portas dos quartos seja feita sempre no sentido de proteger o seu ocupante de um visitante incauto, fazendo com que a porta abra no sentido do espaço interno, criando, momentaneamente, um espaço de transição e uma barreira ao olhar (KERR, 1865).

As principais características do arranjo espacial das propostas sanitaristas vitorianas para a organização espacial do espaço doméstico – uma maior fragmentação do espaço da casa e especialização dos cômodos, com indicação precisa da atividade a que se destinam, um maior isolamento entre cômodos, obtido por meio de acesso único e pelo uso de corredores e vestíbulos – permanecem até hoje e constituem uma das bases da organização espacial

³ Ambiente usado para limpeza e armazenamento de pratos e utensílios de cozinha, além de outros serviços domésticos pesados.

doméstica moderna, com poucas ou nenhuma variância em seu escopo. No século XX, outra característica se soma a estas que é a do reforço na especialização de cômodos organizados em setores claramente distinguidos pela sua natureza e pela classificação de seus ocupantes (ver a respeito AMORIM, 1999).

De fato, apesar da organização do universo doméstico em setores ter sido objeto de recomendações dos tratados renascentistas de Alberti (1988) e Palladio (1997), é no contexto das preocupações com o ordenamento racional das atividades domésticas e a busca por procedimentos metodológicos presumivelmente científicos que os procedimentos de classificação e ordenamento de atividades e usuários em setores domésticos vieram a constituir um paradigma para a casa moderna: o paradigma dos setores (AMORIM, 1999). Métodos e técnicas de projeção modernista estão impregnados por esta idéia, tanto em textos prescritivos – estabelecendo como os edifícios deveriam ser –, como em documentos descritivos – ressaltando as propriedades de estruturação setorial das edificações. O conceito está presente na chamada *Two-zone house* proposta por Frank Lloyd Wright (1993) ou na casa bi-nuclear, de Breuer (MASELLO, 1993), assim como fundamenta os estudos de Klein (1980) e Neufert (1976) em busca da residência mínima para a existência - *existenzminimum*, nos anos de 1920 e 1930, e o tratado da arte de projetar a casa modernista, de Kennedy (1967), bem como as preocupações quase vitorianas de Chermayeff e Alexander (1963), no clássico *Community and Privacy* (ver Figura 4).

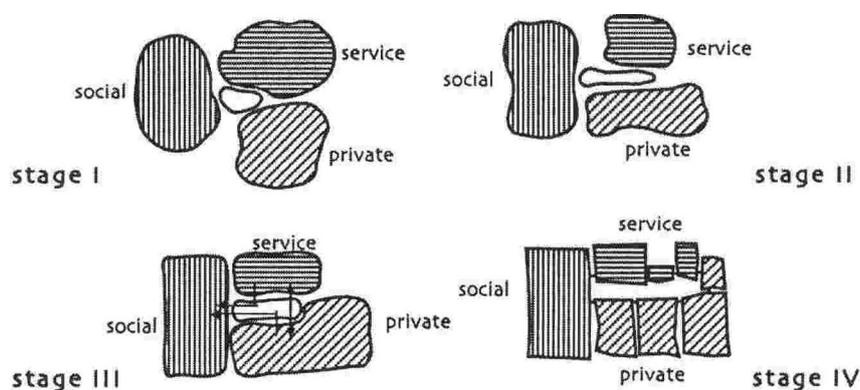


Figura 4. O paradigma dos setores. Fonte: Amorim, 1999, p. 37.

As habitações modernas construídas no Recife apresentam uma consistente forma de classificar e agrupar atividades domésticas e ocupantes da casa em setores definidos, de tal forma a conferir independência e adequada articulação entre os eles. Prevalcem os setores social (para o convívio entre habitantes e entre habitantes e visitantes), de serviço (para as atividades de manutenção da vida doméstica, território por excelência dos empregados domésticos), o privado (para a garantia do espaço do indivíduo e seu isolamento) e o de mediação (ambientes que garantem maior isolamento entre os demais setores). Nesse sentido, os setores constituem uma estrutura subjacente que conferem ao ambiente doméstico o adequado sentido de ordem – cada componente social e espacial em seu devido lugar – e funcionalidade – todos os componentes corretamente articulados (AMORIM, 1999).

Este sistema classificatório e de diferenciação categórica torna-se a base da organização espacial doméstica para qualquer que seja o tipo e dimensões da habitação – da habitação popular àquela das classes mais abastadas. Assim, ambientes são reunidos de forma a que sua identificação se faça sem ambigüidades, além de acessos discriminatórios – acesso de serviçais por um lado, de habitantes e visitantes, de outro. Uma espécie de *apartheid* doméstico, no qual o cruzamento de serviçais e moradores é cuidadosamente evitado. Estratégia semelhante permite que moradores tenham a garantia de não serem interrompidos em sua privacidade, pela presença indesejada de visitantes ou serviçais (Ver Figura 5).

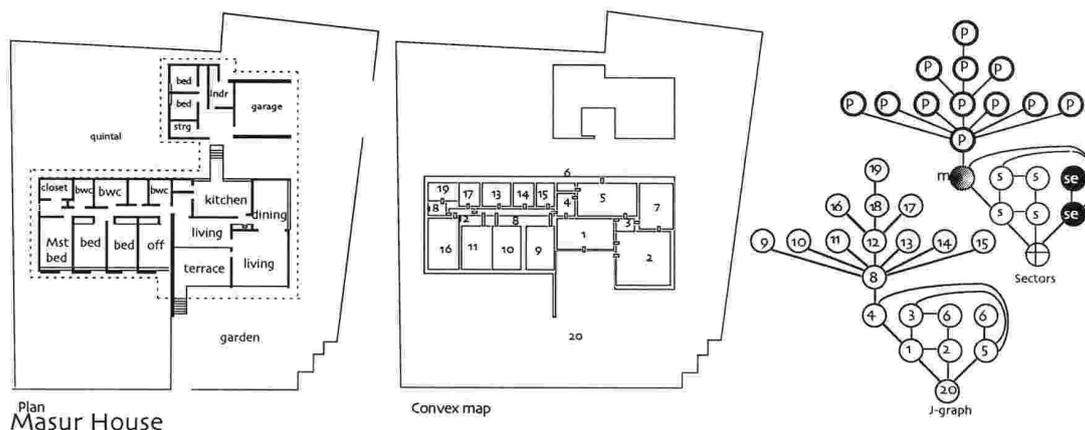


Figura 5. O paradigma dos setores: residência Masur, de Delfim Amorim. Fonte: Amorim, 1999, p. 311.

Este código é tão fortemente impregnado na maneira de projetar que é utilizado mesmo em apartamentos de conjuntos habitacionais populares, nos quais se observa uma dupla entrada (social e de serviço), ainda que para um mesmo hall e ainda que, provavelmente, os serviços domésticos sejam desempenhados pela família e não por serviçais, bem como o isolamento do conjunto de quartos do domínio visual e da relação de permeabilidade direta dos cômodos constituintes dos demais setores domésticos, como recomendado por Kerr (1864) para garantir a adequada privacidade para cada habitante.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DOMÉSTICO PROJETADO E VIVENCIADO

A capacidade e possibilidade de adaptar a casa para sua utilização por sucessivas gerações e por grupos familiares de variadas composições é um importante atributo da organização do espaço doméstico. Um indicador desta capacidade é definido pelo tamanho, e número de cômodos, assim como a maneira pela qual tais cômodos se articulam. Neste artigo, estas variáveis serão exploradas com o objetivo de identificar diferentes formas de utilização do espaço doméstico. O conjunto de apartamentos analisado é composto por cinco projetos originais e 15 projetos de reforma, de cinco edifícios construídos ou em construção entre 2002 e 2009, por uma mesma construtora (ver Quadro 1)⁴, localizados em bairros apontados como os de maior interesse pelos consumidores, de acordo com dados de recente enquete

⁴ Todos os projetos foram gentilmente cedidos pela AC Cruz Construtora. Para garantir privacidade dos proprietários, os edifícios serão designados pelo prenome Villa, seguido de um indicador numérico.

promovida pela ADEMI-PE, no 2º Salão Imobiliário de Pernambuco, em março de 2009 (MERCÊS, 2009). Os projetos de reforma analisados representam 17% do número de apartamentos modificados nestas edificações.

Os lançamentos desta construtora têm um código de identificação dado pelo nome do edifício – formam uma família na qual todos os membros são batizados com o prenome Villa, na forma mais sofisticada, com a consoante L dobrada, seguido de um sobrenome que conota um atributo qualificativo – ora está relacionado à localização, com referência a algum marco, como praça, beira-rio, ou mesmo bairro – desde que seja dos mais nobres na cidade – como Casa Forte, ora uma homenagem ao antigo proprietário do terreno, como Agnaldo Jurema⁵, ou mesmo homenagem a alguém não tão conhecido e não tão específico, como Izabel, Elizabeth.

Edifício	bairro	quartos	área (m ²)	apartamentos	apartamentos modificados	percentagem de reforma (%)
Villa 01	Boa Viagem	3Q(1S)	92.00	40	9	22.50
Villa 02	Tamarineira	3Q(2S)	130.00	96	45	46.88
Villa 03	Madalena	3Q(2S)	112.00	56	12	21.43
Villa 04	Casa Forte	4Q(2S)	163.61	21	10	47.62
Villa 05	Casa Forte	4Q(2S)	177.88	44	12	27.27
TOTAL				257	88	34.24

Quadro 1. Amostra analisada

A análise segue duas direções, considerando duas situações – o apartamento projetado (a casa deles) e o apartamento reformado (a casa minha):

- a) na primeira, a análise observa as características programáticas e de ambientes e setores, através de medidas diretas – geométricas e semânticas, tomando por base as qualidades individuais dos espaços funcionais da casa – sua função, indicada pela denominação atribuída no projeto, e sua área, sendo observado, ainda, sua reunião em setores;
- b) na segunda, considera a organização espacial, por meio de propriedades relacionais, de natureza topológica, através de medidas indiretas, fundamentadas em procedimentos introduzidos pela sintaxe espacial (HILLIER; HANSON, 1984) e observa as diferenciações impregnadas na estrutura espacial, com base na propriedade de acessibilidade⁶. Estas diferenciações são analisadas de acordo com os atributos sociais que são emprestados a cada espaço, de tal forma que se torne evidente em que medida padrões espaciais e atributos sociais estão consistentemente relacionados.

3.1 A casa deles

A casa projetada toma por base procedimentos de projeto cujo modelo de organização das relações familiares é baseado na família nuclear tradicional, por assim dizer. Esta começa a emergir no século XIX, quando a moradia sob um mesmo teto de gerações de membros da

⁵ Famoso médico pernambucano.

⁶ A propriedade de acessibilidade indica o número de porções de espaços necessários para o movimento entre dois deles. A propriedade é medida pelo valor de assimetria relativa, relacionada à noção de profundidade, medida que expressa a relação de permeabilidade entre espaços (HILLIER; HANSON, 1984).

família se torna menos comum, sendo o espaço doméstico restrito ao pai, mãe e filhos e, nas famílias mais abastadas, alguns serviçais (TOSH, 1999). É por esta época que as funções de moradia e trabalho se separam, passando o espaço doméstico a ser do domínio exclusivo da família. Até meados do século XX, a organização espacial da casa é centrada na figura masculina, sendo a autoridade patriarcal a base para a ordenação de diferentes domínios e suas relações – a esfera pública, domínio do homem; a esfera privada, domínio da mulher.

Em meados do século passado, mudanças sociais levam ao estabelecimento de relações aparentemente mais igualitárias, com abrandamento do poder patriarcal, bem como mudanças em papéis e hierarquias, à medida que a mulher passa também a ser provedora e a participar ativamente da esfera pública, ainda que acumulando a gestão doméstica.

No entanto, em que pese o encurtamento das distâncias sociais entre o homem e a mulher, ainda são dominantes as diferenças de funções dentro da família, sendo que o modelo do pai como o chefe da família permanece ao estilo 'Papai sabe tudo' (*Father Knows Best*), a famosa série televisiva levada ao ar no Brasil na década de 1960, imagem do modelo de relações familiares que serve de referência universal à organização doméstica. Este modelo de relações familiares e de organização espacial é a base para os projetos ilustrados na Figura 6, que apresenta os projetos originais da amostra analisada.



Figura 6. A casa deles ...

Do ponto de vista programático, algumas características são comuns a todos os exemplares analisados, além do conjunto de espaços tradicionais destinados às funções de convívio, comer, cozinhar e repousar e dependências de serviço. Todos apresentam varanda e pelo menos uma suíte. Os apartamentos maiores, de quatro quartos, apresentam uma sala de estar para dois ambientes. No setor serviço, somente um exemplar apresentou a indicação de copa – sendo esta um espaço para mesa na cozinha. A ocorrência de lavabo é variável – ele aparece como pia em dois dos projetos originais e completo, em um. Da mesma forma, a ocorrência de closet é variável – ele aparece em dois projetos.

Estes componentes programáticos correspondem aos itens expressos em recente enquete realizada pela ADEMI-PE: o perfil de apartamento com uma suíte atende as necessidades de 70% dos entrevistados, mesmo que para tanto a área do quarto tenha que ser menor. Dos itens de infra-estrutura interna, a varanda foi apontada como dos mais valorizados por 55% dos entrevistados. O item copa foi apontado por 16% dos entrevistados, sendo, portanto pouco valorizado, sendo semelhante à área de serviço ampla (MERCÊS, 2009).

Do ponto de vista geométrico, considerando a área por setor, é o íntimo que apresenta a maior área em todos os apartamentos, seguido pelo social e de serviço. O maior cômodo nos apartamentos de três quartos é a suíte, entendida como o agrupamento dos ambientes de uso exclusivo do seu ocupante – a área de dormir, closet, banheiro. Nos apartamentos de quatro quartos, o cômodo de maior área é a sala de estar para dois ambientes (ver Figura 7).

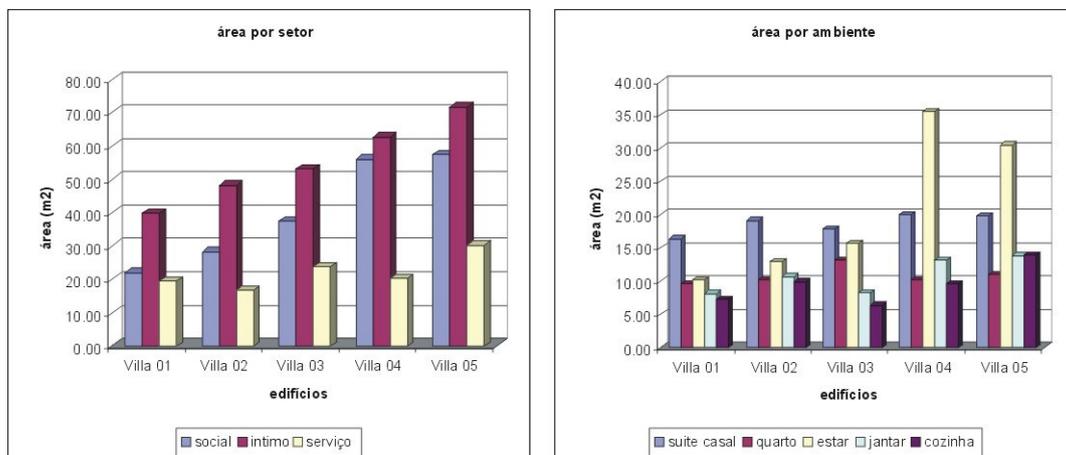


Figura 7. Gráfico com área por setor e por ambiente

Para a análise espacial, os valores de assimetria relativa foram calculados⁷ e os resultados organizados sob a forma de inequações, considerando apenas as atividades domésticas nucleares, entendidas como aquelas relacionadas às funções de convívio/receber (estar – E), comer (jantar – J), repousar/dormir (suíte – S) e cozinhar (cozinha – C). As inequações representam o padrão de acessibilidade – do espaço mais acessível, ao mais remoto na estrutura espacial. As inequações para os projetos originais estão representadas no Quadro 2.

⁷ Os cálculos foram realizados utilizando-se o programa JASS, desenvolvido pelo SAD – Spatial Analysis & Design, KTH School of Architecture, Stockholm.

edifício	apartamento	marca de referência						
Villa 01	V01	J	>	E	>	C	>	S
Villa 02	V02	J	=	C	>	E	>	S
Villa 03	V03	J	>	C	=	E	>	S
Villa 04	V04	J	>	C	>	E	>	S
Villa 05	V05	J	>	E	>	C	>	S

Quadro 2. Inequações de acessibilidade – apartamento-tipo

Os padrões de acessibilidade expostos acima revelam a centralidade do espaço destinado à sala de jantar (J) – sendo o mais acessível, quando se considera o sistema espacial como um todo. De fato, este espaço, em todos os exemplares, além da função explicitamente designada, assume também o papel de mediador do movimento para os demais setores da casa – é o espaço que conecta o setor de serviço, o íntimo e os demais componentes do setor social. Em um dos casos, a acessibilidade da sala de jantar se iguala à da cozinha. Uma segunda característica comum a todos os exemplares é a posição mais profunda da suíte (S) na seqüência de acessibilidade, reforçando a privacidade deste componente programático. Na posição intermediária, dois padrões se alternam – a seqüência estar (E) > cozinha (C) – em dois casos, e a seqüência cozinha (C) > estar (E), também em dois casos, e em um caso a acessibilidade destes elementos se iguala. Vale ressaltar que estes dois elementos, estar e cozinha, estabelecem conexão com as áreas comuns de acesso da edificação – hall social e hall serviço.

Os apartamentos Villa 01 e Villa 05 são os únicos que apresentam a mesma inequação, sendo o Villa 03 uma variação do mesmo arranjo, onde a seqüência estar (E) > cozinha (C) é alterada para estar (E) = cozinha (C), revelando uma maior centralidade para os espaços que articulam as conexões internas às entradas social e de serviço. Nos demais apartamentos ficam evidentes a maior reclusão do ambiente de estar e a importância da cozinha na articulação entre os espaços de serviço e os demais setores da casa.

3.2 A casa minha

Mudanças sócio-demográficas ocorridas, sobretudo na segunda metade do século XX, sugerem mudanças nos valores atribuídos ao casamento e à família, e, conseqüentemente, à organização do espaço doméstico. Tais mudanças sócio-demográficas sugerem ainda um aumento significativo de fases transitórias ao longo do ciclo de vida da família nuclear, requerendo arranjos específicos do espaço doméstico. Talvez estes fatores expliquem a recorrência de alterações no projeto do apartamento adquirido, ainda na sua fase de construção. Não é escopo do artigo discutir esta questão, mas ela pode ser um indicativo de que os modelos que servem de base à atividade de projeto devam ser repensados.

Os projetos de reforma analisados, em número de 15, nas cinco edificações selecionadas, foram executados por outros profissionais que não os autores do projeto original. Foram

analisados considerando a designação indicada nos projetos ambientados. As Figuras 8 e 9 mostram as alterações mais significativas.

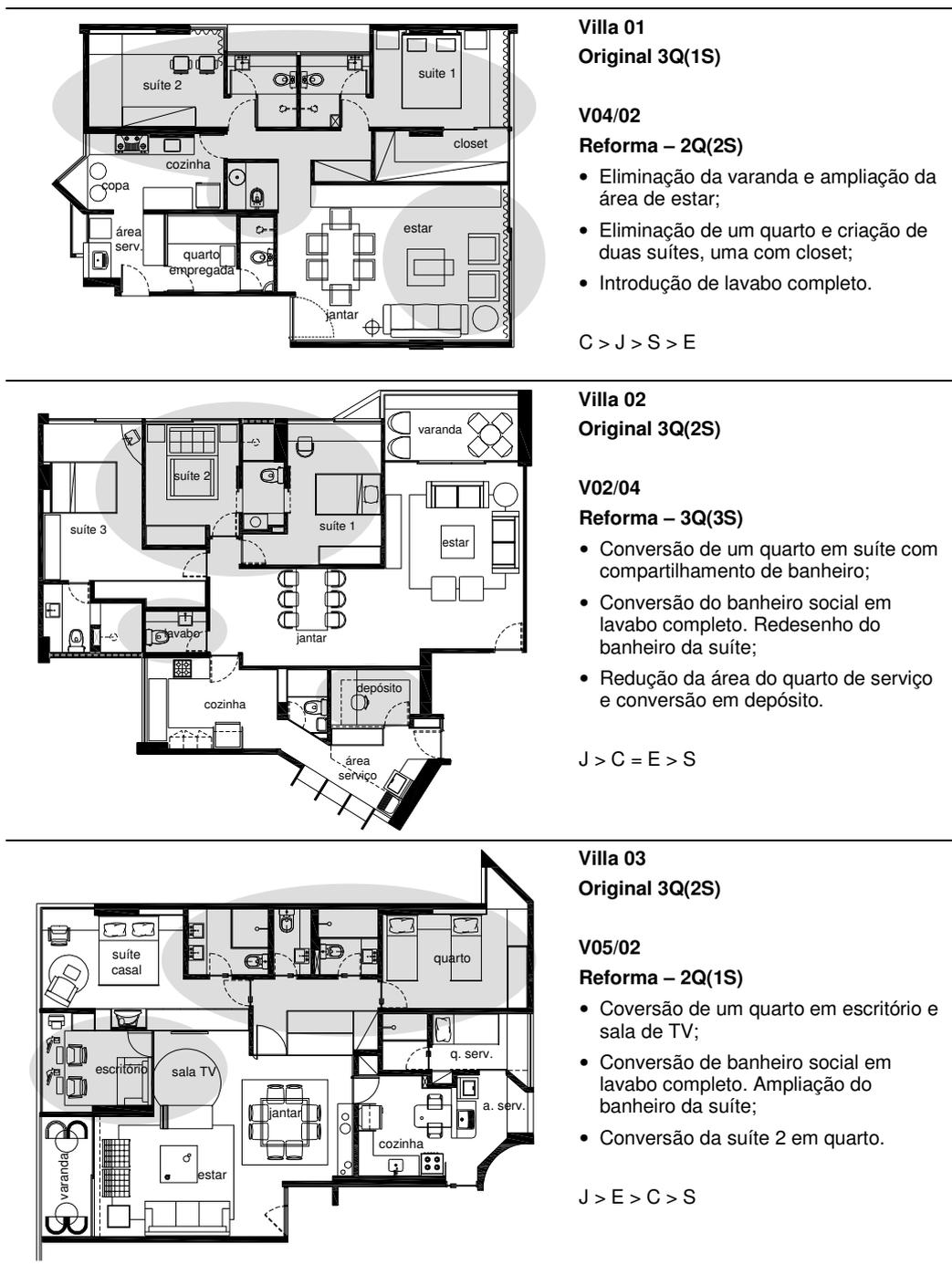


Figura 8. Reformas nos apartamentos de três quartos.

Com relação aos aspectos programáticos, os resultados indicam uma variação substancial no número de quartos com relação ao projeto original (ver Quadro 3). Nos exemplares analisados, com exceção de três, sendo dois deles de uma mesma edificação, houve diminuição de um quarto em 9 dos projetos analisados (60%), e de dois, em 3 dos projetos de reforma (20%), de um mesmo edifício. A conversão de suíte em quarto simples ocorreu em três dos exemplares analisados, correspondendo a 20% da amostra. Por outro lado, o número de suítes aumentou

em três dos projetos analisados, todos em edificações com apartamentos de três quartos, sendo que dois destes no edifício com apartamento de três quartos, sendo uma suíte e um, no edifício com apartamento de três quartos, sendo duas suítes.

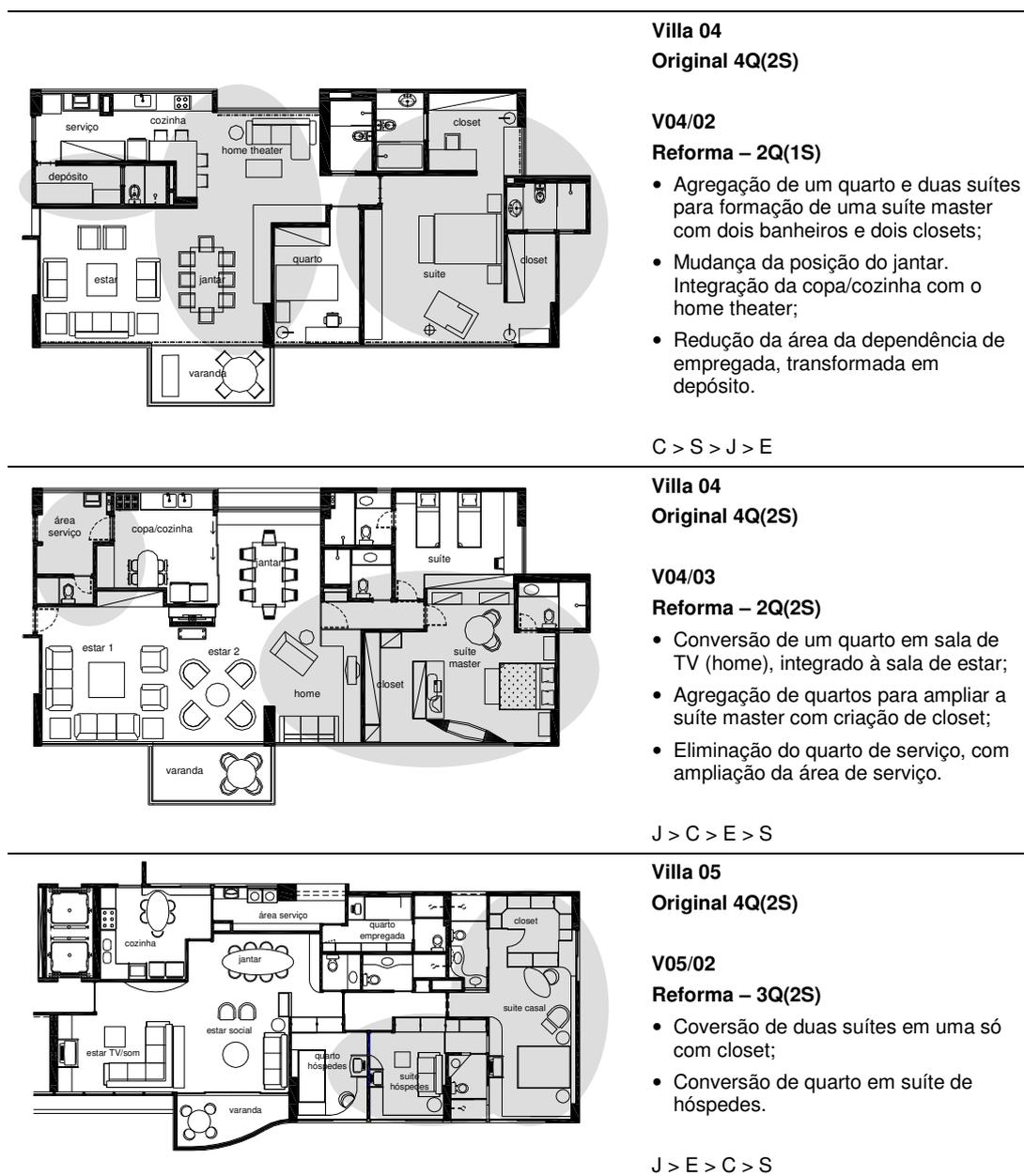


Figura 9. Reformas em apartamentos de quatro quartos.

A varanda, item dos mais valorizados segundo os dados da enquete da ADEMI-PE (2009), foi eliminada apenas nos projetos de reforma do apartamento original com a menor área de sala (o Villa 01), permanecendo nos demais exemplares.

Como ocorre nos projetos originais, o lavabo é um elemento programático de ocorrência variável – ele aparece completo em sete dos projetos de reforma, sendo que resultam da eliminação do banheiro social ou são acréscimos. O closet é outro elemento variável, embora em alguns exemplares, quartos ou suítes são convertidos em uma suíte *master*, com a inclusão de um ou dois closets.

O setor de serviços é o menos modificado, com exceção da alteração de uso do quarto de serviço – este é convertido em depósito, diminuindo de área em quatro casos, é subdividido para abrigar despensa e depósito, em um, e em apenas um caso foi totalmente eliminado.

Edifício/apartamento	bairro	área (m ²)	n° quartos no projeto original	n° quartos no projeto reformado
Villa 01	Boa Viagem	92.00	3Q(1S)	
V01/01				2Q(1S)
V01/02				2Q(2S)
V01/03				2Q(2S)
Villa 02	Tamarineira	130.00	3Q(2S)	
V02/01				3Q(2S)
V02/02				2Q(2S)
V02/03				2Q(2S)
V02/04				3Q(3S)
Villa 03	Madalena	112.00	3Q(2S)	
V03/01				2Q(2S)
V03/02				2Q(1S)
V03/03				3Q(1S)
Villa 05	Casa Forte	163.61	4Q(2S)	
V05/01				2Q(2S)
V05/02				2Q(1S)
V05/03				2Q(2S)
Villa 04	Casa Forte	177.88	4Q(2S)	
V04/01				3Q(2S)
V04/02				3Q(2S)

Quadro 3. Variação no número de quartos com relação ao projeto original

A variação no número de quartos é um aspecto curioso, uma vez que o apartamento de três quartos representa, segundo dados da Pesquisa de Indicadores de Velocidade de Vendas – IVV, da FIEPE - Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (2009), o maior volume de vendas no mercado local (47.4%, em janeiro de 2009), assim como o maior volume de ofertas (53.2%, em janeiro de 2009).

A eliminação de quartos proporciona duas situações – tanto o aumento da área das suítes, pela incorporação de um dos quartos, quanto a criação de ambiência para dois novos “personagens” constantes na vida cotidiana contemporânea – o aparelho de TV que havia sido banido dos ambientes sociais da casa, e o computador. Estes novos elementos programáticos aparecem nos projetos com diferentes denominações – sala de TV, *home theater*, ou ainda simplesmente *home*, como indicado em um dos projetos – ocorre em oito dos projetos analisados; quarto de estudo, escritório, gabinete ou, numa versão mais em moda, *home office*, ocorrendo em quatro dos projetos analisados. Ainda que considerando o pequeno número de exemplares, a ocorrência destes elementos programáticos sugere que o programa mínimo que vem sendo praticado ainda não incorporou estes novos hábitos. São equipamentos que, em

função da tecnologia a eles associada, requerem uma infra-estrutura específica – antenas de diversos tipos, cabo, modem.

Do ponto de vista geométrico, alterações que resultaram em diminuição de área do setor ocorreram apenas no íntimo que foi reduzido em 80% dos casos. O setor social sofreu a maior alteração em área, aumentando em relação ao projeto original em 73% dos casos analisados. O setor de serviços aumentou em 20% dos casos e o íntimo, em 7%. O gráfico da Figura 10 mostra esta variação. Cabe ressaltar que a redução da área total do setor íntimo não necessariamente está relacionada ao aumento das áreas sociais ou de serviço. Em grande medida ela se deve à diminuição do número de quartos e ao aumento dos que permanecem, sobretudo as suítes.

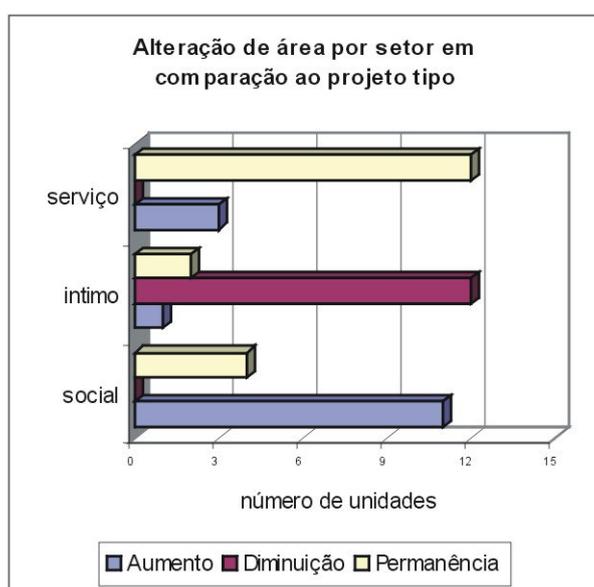


Figura 10. Gráfico de alteração de área por setor

Do ponto de vista espacial, os resultados indicam uma variação no padrão de acessibilidade e na hierarquia dos ambientes, sendo que a maior e menor centralidade deixa de ser exclusiva dos espaços destinados à sala de jantar (J) e à suíte (S), embora haja uma predominância dos padrões originais – esta organização espacial polarizada ocorre em nove dos projetos analisados (60%), e em um a polaridade é entre a sala de jantar e a sala de estar; nos demais casos, o ambiente mais acessível é a cozinha (ver Quadro 4).

Comparando, caso a caso, a estrutura espacial dos projetos de reforma com os originais, o padrão original se mantém em quatro casos – um do edifício Villa 03, dois, no Villa 04 e um, no Villa 05. Nos demais casos as estruturas espaciais diferem daquelas dos projetos originais, apresentando padrões de acessibilidade centrados no jantar (J) – em dez casos (67%) e na cozinha (C), em cinco (33%).

edifício		apartamentos reformados						classificação	
Villa 01	V01/01	J	>	C	>	E	>	S	similar
J > E > C > S	V01/02	C	>	J	>	S	>	E	similar
	V01/03	C	>	J	>	E	>	S	similar
Villa 02	V02/01	C	>	J	>	E	>	S	similar
J = C > E > S	V02/02	J	>	E	>	C	>	S	similar
	V02/03	C	>	J	>	E	>	S	similar
	V02/04	J	>	C	=	E	>	S	similar
Villa 03	V03/01	J	<	C	<	E	<	S	similar
J > C = E > S	V03/02	J	>	E	>	C	>	S	similar
	V03/03	J	>	C	=	E	>	S	genérico
Villa 04	V04/01	J	>	C	>	E	>	S	genérico
J > C > E > S	V04/02	C	>	S	>	J	>	E	similar
	V04/03	J	>	C	>	E	>	S	genérico
Villa 05	V05/01	J	>	C	>	S	>	E	similar
J > E > C > S	V05/02	J	>	E	>	C	>	S	genérico

Quadro 4. Inequação de acessibilidade – projetos de reforma

4. “TUDO DEVE MUDAR PARA QUE TUDO FIQUE COMO ESTÁ”: UMA DISCUSSÃO

A famosa frase do escritor italiano Giuseppe Tomasi di Lampedusa, no romance “O Leopardo” (LAMPEDUSA, 1983) se aplica bem ao universo pesquisado. Em que pese mudanças sociais recentes – novas composições do grupo familiar, novas tecnologias domésticas, novas formas de organização do trabalho (trabalho em casa; trabalho a distância), profissionalização emprego doméstico – seja qual for o novo, nada de novo se apresenta no reino da organização espacial da casa, a não ser variações sobre o mesmo tema. É esta variação acontece não necessariamente pela introdução de novos elementos, mas, via de regra, no sentido de reforçar certas características sociais e espaciais. Ou seja, a ordem dos fatores parece não alterar o produto.

Uma distinção merece ser feita nos resultados obtidos – aquela que diferencia comportamentos que refletem status sócio-econômico, muito próprios da nova classe média, ou da classe criativa, na concepção de Florida (2004), mas não exclusivo desta, de comportamentos que refletem rituais persistentes relativos aos hábitos de morar, que podem ser observados em todas as classes sociais e extensivamente ao longo do tempo. Assim, tendo em mente tal distinção, as alterações observadas sugerem por um lado, a permanência das de certos rituais

convencionais – a setorização, o isolamento de categorias sociais com reforço da hierarquia – e, por outro, mudanças mais significativas na espacialidade.

4.1 Organização programática e setorial e rearranjo geométrico

O tema da setorização espacial – quer levando em conta atividades, quer a categorização dos membros do grupo familiar – permanece e mesmo é reforçado por meio da maior especialização e fragmentação dos espaços destinados a cada atividade, sendo este reforço maior na medida em que a área total do apartamento aumenta, atendendo moradores de mais alta renda.

Uma precisa indicação da função (no sentido de papel a desempenhar) se traduz em princípios de classificação por meio da atribuição de designação de uma atividade prescrita a priori a ser desempenhada nos ambientes da casa, como forma de melhor categorizar ocupantes – um símbolo de distinção funcional. Desta forma se consolidam as relações que devem ocorrer no espaço doméstico, garantindo as boas maneiras do morar, tornando as atividades domésticas mais formais.

Um traço a ser destacado é a maior especialização de componentes dos diversos setores, como, por exemplo, o quarto principal, no setor íntimo, e a introdução de ambientes específicos para o aparelho de TV. É no setor íntimo onde a privacidade de cada membro é exercida, pelo isolamento de categorias de moradores – pais, filhos, hóspedes. O quarto com banheiro em suíte reforça a privacidade de seus ocupantes, assim como o isolamento. Ao longo do tempo, estes ambientes tornaram-se mais especializados, transformando-se em uma unidade (ou célula) quase autônoma dentro da casa, incluindo outras funções além das de repouso (funções como estudar, ver TV, receber amigos, etc.). Acompanhando tais variações, também a nomenclatura de tais ambientes indica sua maior especialização, muitas vezes reforçando as relações de poder dentro do grupo familiar – ou seja, sua diferenciação categórica. É o caso, por exemplo, do quarto do casal, hoje denominado suíte *master*. A denominação *master* traz em si significados que vão além da simples moda de anglicizar termos, muito comum na indústria imobiliária, mas indica mecanismos de identificação relacionados não somente às possibilidades de separação (maior isolamento dos pais), mas também de controle e de distribuição de poder (o poder patriarcal reforçado). Para os demais membros da casa, o mesmo conjunto quarto + banheiro é designado apenas por suíte, sem nenhum traço distintivo, a não ser quando o casal tem filhos de diferentes sexos – neste caso, o privilégio de ocupar a suíte é da menina, como ocorre em um dos projetos de reforma analisado. Vale ressaltar que esse traço é identificado em residências modernas, seja pela inclusão de banheiro em suíte, seja pela introdução de acesso direto do quarto dos pais, garantindo, assim, maior supervisão e controle.

O mesmo pode ser observado em relação às áreas sociais – o estar, como genericamente designado, passa a abrigar vários campos de atividade – sala para dois ambientes, por exemplo, abrigando atividades de receber e entretenimento. Cada um destes ambientes pode receber diversas denominações – *living*, *home theater*, sala de visita ou, simplesmente, estar.

A variação das áreas de determinados setores, sobretudo o social e o íntimo sugere, por um lado, um novo modo de organizar as áreas coletivas da casa, e, por outro, novas composições familiares. Assim, é sugestivo o aumento do setor social, com a reedição de uma espécie de *parlour* – a sala de visitas formal, mas também sugerindo um certo investimento em ambientes para interação da família, possibilitado por um maior acesso a equipamentos eletrônicos de tecnologia avançada, como TVs com tela de LCD de tamanhos avantajados, transformando o estar em uma sala de cinema – os *home theater*. Por outro lado, a diminuição do setor íntimo se dá, sobretudo, pela redução do número de quartos e ou seu agrupamento para constituir um só ambiente de dormir mais espaçoso e mais complexo na sua composição, agregando mais funções – closet e banheiro duplo, por exemplo – sugerindo famílias menores, por um lado, e, por outro, a necessidade de ambientes mais amplos.

4.2 Marca de referência versus genérico e similar

Os casos estudados sugerem existir um processo de secularização do conhecimento profissional que está impregnado nas plantas-tipo oferecidas pelo mercado imobiliário. As peças publicitárias que divulgam estes produtos costumam destacar as mais diversas empresas envolvidas no empreendimento, da construtora e incorporadora responsável, ao escritório de arquitetura ou arquiteto(s) autor(es) da obra, sendo ainda destacados os responsáveis pela venda e pela publicidade. Muito comum, também, é a apresentação de selos de qualidade, como ISO. Em breve, muitos oferecerão atestados de eficiência energética – de fato já são lançados no mercado local empreendimentos atrelados ao antepositivo *eco-*.

Estas logomarcas conferem ao produto imobiliário um conjunto de atributos profissionais que atestam, como em produtos farmacêuticos, uma *marca de referência*, ou seja, o que se vende é reconhecidamente de qualidade e seu propósito – abrigar uma família com conforto e segurança, além de outras expectativas do morar – é garantido.

As variações programáticas e de organização espacial dos cinco projetos originais permitem a estruturação de quatro *marcas de referência* distintas (ver Quadro 2), caracterizadas pela diferenciação no grau de acessibilidade de espaços que abrigam atividades fundamentais do cotidiano familiar e de sua realização pelos diferentes ocupantes da casa. A inequação $J>E>C>S$ é encontrada em dois casos, enquanto que os demais apartamentos apresentam variações no grau de acessibilidade do estar e cozinha. Como constante, jantar e quarto nos valores mais altos e mais baixos das inequações.

Os projetos de reforma, por outro lado, indicam que as alterações programáticas e espaciais levaram a modificações substanciais nos padrões encontrados em cada *marca de referência* e, mais importante, revelaram uma estrutura espacial predominante, levando a crer que o conhecimento leigo procura, de forma consistente, certa maneira de estruturar seu cotidiano. Dos 15 apartamentos estudados, a inequação $J>C>E>S$ aparece quatro vezes (27%), sendo a variação $J>C=E>S$ vista em dois casos (13%). Os demais exemplares revelam arranjos que enfatizam a acessibilidade da cozinha (33%) e outros que buscam o máximo isolamento da sala de estar (20%).

Das quatro marcas de referência, uma delas ($J=C>E>S$) não é encontrada em nenhum apartamento reformado. Tal aspecto denota uma configuração pouco relevante ou inadequada às expectativas dos moradores. A maior diversidade de arranjos espaciais dos apartamentos – sete, em lugar das quatro originais – faz crer que existam configurações próprias às demandas individuais de algumas famílias.

De fato, apesar da participação de profissionais na elaboração dos projetos de reforma, estes resultados sugerem que as demandas familiares estabelecem considerações entre o domínio profissional e o leigo. Assim sendo, as alterações das *marcas de referência* denotam a busca por arranjos diversos sendo o mais comum aquele encontrado no edifício Villa 04, apartamento com quatro quartos em edifício com um apartamento por andar, e na sua variante, presente no Villa 03, este com três quartos, em planta com dois apartamentos por andar. No entanto, deve-se ressaltar que a marca de referência encontrada no Villa 05 ($J>E>C>S$) encontra repercussões em 3 apartamentos reformados.

Nos projetos de reforma estudados, dois fenômenos parecem ocorrer. Primeiro, a identificação de uma estrutura genotípica entre as plantas modificadas – mesmo que os casos não sejam dominantes no conjunto estudado –, sugerindo existir um tipo de arranjo espacial procurado pelas famílias contemporâneas, responsáveis por estabelecer demandas e expectativas de uso e ocupação nas suas moradias particulares. A esse processo, pode-se dar o nome de *secularização*. Esse é um fenômeno de caráter global, identificado ao se observar o conjunto de plantas estudadas, tanto as tipo, quanto as transformadas.

O segundo fenômeno é observado quando as plantas modificadas de cada apartamento são comparadas àquelas de origem – suas respectivas plantas-tipo. Nos casos dos mesmos edifícios Villa 03 (1 caso) e Villa 04 (2 casos), como também no Villa 05 (1 caso), são identificados em alguns apartamentos transformados que, mesmo com as alterações substanciais realizadas, a estrutura espacial mantém a mesma diferenciação entre os ambientes e as atividades domésticas destacadas: pode-se afirmar que as alterações não comprometeram o *princípio ativo* presente nas *marcas de referência*. Estas plantas modificadas podem ser denominadas, seguindo a mesma metáfora farmacêutica, de *genéricas*, ou seja, apresentam a mesma estrutura genotípica das suas *marcas de referência* de origem. Existe, portanto, *intercambialidade* entre as plantas-tipo e algumas plantas modificadas: seja *marca de referência* ou *genérico*, as opções de arranjo espacial são compatíveis com expectativas de grupos familiares.

Nos demais casos estudados, os apartamentos alterados não reproduzem suas respectivas *marcas de referência*, mas, em alguns casos, apresentam consonância com a estrutura genotípica identificada. Esses casos de plantas dissonantes podem ser denominados de *similares*: apresentam-se como alternativas para a moradia, mas não seguem os parâmetros de referência implícitos na estrutura espacial original.

5. CONCLUSÃO

A casa tem como traço distintivo um maior controle das relações sociais em relação ao mundo exterior – a rua. Tais relações, na casa, são regidas por um sistema hierárquico fundamentado em gênero, idade, poder – papéis sociais, de objetos e ações que ocorrem atendendo mecanismos de diferenciação e controle. Estes traços, que definem o grupo social que ocupa a casa, se expressam espacialmente da mesma forma por um sistema hierárquico. Esta expressão reflete congruência, conforme discutido por Johnson, significando harmonia de uma coisa com o fim a que se destina, revelando uma visão tradicional, formando as maneiras de fazer, tornar-se e ser (JOHNSON, 1993, p. 25). Congruência se opõe à confluência, que, ainda segundo Johnson (1993), está relacionada a uma visão experimental, na qual qualidades não planejadas informam o momento. Hierarquia, do ponto de vista espacial, se expressa por meio de diferenciação de acessibilidade, como indicado nas inequações de acessibilidade apresentadas anteriormente.

O artigo buscou analisar os diferentes códigos que informam a organização do espaço doméstico. Os resultados, embora não exaustivos, sugerem tanto a permanência de formas de morar, quanto variações sobre o tema, reveladoras de uma cultura específica e dos aspectos idiossincráticos que caracterizam cada família proprietária dos imóveis estudados. Apesar de tais traços diferenciadores, o projeto arquitetônico continua tendo como base teórica a domesticidade convencional, aquela que é fundamentada em necessidades básicas genéricas. Tais bases teóricas, fundadas no modernismo, revelam a visão tradicional – são congruentes com este modelo básico e simplista de necessidades e relações familiares, enquanto, a julgar pelos planos de reforma analisados, revela uma busca pelo complexo, ou seja, formas de domesticidade não-convencional ou mesmo não-congruente com o modelo predominante de referência. O programa para o projeto original é congruente com uma unidade doméstica que continua a ser o domínio nuclear-conjugal – uma família quase vitoriana – um casal e dois filhos. O programa para o projeto reformado nos casos estudados, mesmo que ainda baseado neste mesmo tipo de unidade doméstica nuclear-conjugal, revela um processo não isento de contradições de relações familiares, no qual se privilegia o casal e as atividades de convívio.

De qualquer forma, o programa básico da casa, com atividades nucleares tradicionais, não parece mais atender esta nova família – há a necessidade de ambientes mais equipados, além daqueles do setor de serviço – cozinha e área de serviço, bem como um menor número de quartos, com área maior e mais componentes, como no caso das suítes. Estas indicações parecem contradizer os dados das pesquisas dos órgãos ligados à construção civil (ADEMI-PE e FIEPE). Os resultados aqui apresentados sugerem que a procura de apartamentos se dá não pelo número de quartos, leiaute ou quantidade de ambientes inicialmente oferecidos pelas construtoras, mas sim pela área disponível e flexibilidade que a planta pode proporcionar para atender as necessidades e aspirações da família.

A predominância de plantas *similares* às *marcas de referência* oferecidas pelos empreendedores imobiliários parece corroborar a condição de escolha sugerida acima. Ou seja, para muitas famílias, a expectativa de compra vem acompanhada da necessidade de adequação do imóvel.

É certo que o conjunto de exemplares estudados não é significativo em relação ao contexto da vasta produção recente do mercado imobiliário local, o que sugere que as conclusões aqui alinhavadas seriam limitadas. No entanto, as características do processo de alteração e a consistência com que algumas propriedades originais são modificadas, fazem crer que aspectos relevantes do fenômeno foram revelados. A ampliação do número de casos poderá confirmar em que medida os fatores destacados respondem à globalidade do fenômeno em tela.

Finalmente, deve-se destacar que o estudo é uma reflexão sobre alterações em apartamentos, mas são inúmeros os casos nos quais proprietários ocupam seus imóveis sem introduzir qualquer alteração configuracional na estrutura espacial adquirida. Nesses casos, é provável que as alterações se dêem na forma de ocupar os cômodos, como por exemplo, quarto ou suíte ocupada por escritório ou *home theater*, quarto de empregada como depósito, e assim por diante. Essas formas distintas de distribuir atividades e pessoas no arranjo espacial original constituem em si um campo complementar de investigação, ainda por ser observado no contexto da presente pesquisa. As formas de ocupação poderão ser relevantes para compreender a capacidade de distintos arranjos espaciais de absorver as demandas familiares ou de identificar os mecanismos de adaptação ao arranjo adquirido encontrados pelas próprias famílias. Afinal de contas, da casa produzida para eles à casa a ser chamada de minha – que outros dizem lar, operam fatores de mais alta relevância para a satisfação familiar ou individual. Desvendar os processos e valores que montam casas, outrora dotadas de uma aura datada, é um exercício de profundas repercussões nos diversos momentos da produção e da vida das nossas casas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, L. B. *On the art of building in ten books*. Cambridge, Massachusetts: MIT press, 1988. 442 p.
- AMORIM, L. *The sector's paradigm: a study of the spatial and functional nature of modernist housing in Northeast, Brazil*. 1999. 438 f., il. Tese (PhD Advanced Studies) - The Bartlett School of Graduate Studies, University London, London, 1999.
- AMORIM, L.; LOUREIRO, C. Uma figueira pode dar rosas? - um estudo sobre as transformações em conjuntos populares. In: NUTAU' 2000, 2000, São Paulo. *Anais...* São Paulo: NUTAU, 2000.
- AMORIM, L.; LOUREIRO, C. Alice's mirror: marketing strategies and the creation of the ideal home. In: SPACE SYNTAX FOURTH INTERNATIONAL SYMPOSIUM, june 2003, London. *Proceedings...* London: Space Syntax Laboratory, 2003. p.22.1-22.16.
- BORBA, C.; LOUREIRO, C.; AMORIM, L. M. D. E. Um tesouro para toda a vida ... logo ali!: de como o sonho de morar é construído. In: NUTAU 2002, São Paulo. *Anais ...* São Paulo: NUTAU, 2002. p.313-320.
- BOUTINET, J.-P. *Antropologia do projeto*. 5ª ed. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CÂMARA, R. P. *Habitação: um tema na discografia da MPB*. Porto Alegre: Massangana, 2006. 172 p.

CHERMAYEFF, S.; ALEXANDER, C. *Community and privacy: toward a new architecture of humanism*. New York: Anchor Books, Doubleday, 1963.

CONSTRUTORA CASTRO NEVES. *Obras realizadas*. Recife: 2009. Disponível em: <<http://www.castronevesconstrutora.com.br/empreendimento.asp?codigo=1&tipo=Obras%20realizadas>>. Acesso em: 30 abr. 2009.

DOVEY, K. *Framing places: mediating power in the built form*. London: Routledge, 1991.

EVANS, R. Rookeries and model dwellings: English housing reform and the morality of private space. In: EVANS, R. (Ed.). *Translations from drawing to building and other essays*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997. p. 93-118.

FLORIDA, R. L. *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*. New York: Basic Books, 2004. 434 p.

HILLIER, B.; HANSON, J. *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

JOHNSON, P.-A. *The theory of architecture: concepts, themes and practices*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1993.

KENNEDY, R. W. *The house and the art of its design*. New York: Reinhold Publishing Co., 1967, Progressive Architecture Library.

KERR, R. *The gentleman's house*. 2. ed. London: John Murray, 1865. 464 p.

KLEIN, A. *Vivienda mínima 1906-1952*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980, Colección Arquitectura/Perspectivas.

LAMPEDUSA, G. T. *O leopardo*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

LAWRENCE, R. J. Public collective and private space: a study of urban housing in Switzerland. In: KENT, S. (Ed.). *Domestic architecture and the use of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEATHERBARROW, D. *Architecture oriented otherwise*. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L. "Proibida a entrada de moradores de outras quintas": espacialidades específicas em um conjunto habitacional de classe média. In: RIO, V. D.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Ed.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002a. p. 249-258.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L. M. D. E. A moradia dos sonhos: como e onde morar. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO - ENTAC 2002, 2002, Foz de Iguaçu. *Anais ...* Foz de Iguaçu: ANTAC, 2002b. p.819-827.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L. M. D. E. A domesticidade perdida. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, 19 mai. 2008, v. 8, n. 2. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau/article/view/Loureiro.2009.2>>. Acesso em: 03 jun. 2009.

MÄRTSIN, M.; NIIT, T. The home as a territorial system (II). In: GARCIA-MIRA, R. et al (Ed.). *Housing, space and quality of life*. Aldershot/Hampshire: Ashgate, 2005. Cap.13. p. 151-170.

MASELLO, D. *Architecture without rules: the houses of Marcel Breuer and Herbert Beckhard*. New York: WW Norton & Company, 1993.

MERCÊS, M. *Demanda por imóveis: pesquisa de mercado*. Recife: M&E Dados. 2009

NEUFERT, E. *Arte de projetar em arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili do Brasil, 1976.

NIIT, T. A methodological framework for studying families in dwelling environments. In: 10th INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE IAPS, 5-8 jul. 1988, Delft. *Proceedings ...* Delft: IAPS, 1988. Disponível em: <http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_10_1988_1_160>. Acesso em: 20/03/2009.

OZAKI, R. House design as a representation of values and lifestyles: the meaning of use of domestic space. In: GARCIA-MIRA, R. et al (Ed.). *Housing, space and quality of life*. Aldershot/Hampshire: Ashgate, 2005. Cap.9. p. 97-112.

- PALLADIO, A. *The four books on architecture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997. 472 p.
- RAPOPORT, A. *House form and culture*. New Jersey: Prentice-hall Englewood Cliffs, 1969.
- RASMUSSEN, S. E. *Arquitetura vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- RYBCZYNSKI, W. *Home: a short history of an idea*. New York: Viking Penguin, 1986.
- TOSH, J. *A man's place: masculinity and the middle-class home in Victorian England*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- UPTEC/FIEPE, U. D. P. T. *Índice de velocidade de vendas*. Recife: FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO. 2009
- WRIGHT, F. L. The two-zone house - suited to country, suburb and town. In: PFEIFFER, B. B. (Ed.). *Frank Lloyd Wright collected writings*. New York: Rizzoli, 1993. p. 172-174.

LISTAGEM DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1. Peças promocionais da indústria imobiliária – Recife.
- Figura 2. Edifício Villa D'Almeida, lançamento da Construtora ACCruz, Recife. Fonte: http://www.accruz.com.br/detalhes-empreendimento.php?emp=81_3_0_63168138134
- Figura 3. Model house for four families. Fonte: desenho dos autores com base em Evans, 1997, p.107
- Figura 4. O paradigma dos setores. Fonte: Amorim, 1999, p. 37
- Figura 5. O paradigma dos setores: residência Masur, de Delfim Amorim. Fonte: Amorim, 1999, p. 311.
- Figura 6. A casa deles ...
- Figura 7. Gráfico com área por setor e por ambiente
- Figura 8. Reformas nos apartamentos de três quartos.
- Figura 9. Reformas em apartamentos de quatro quartos.
- Figura 10. Gráfico de alteração de área por setor